



POEMAS DA SOLIDÃO. REVISITAÇÃO DO TEMA EM POETAS DA GERAÇÃO DE 30 BRASILEIRA

POEMS OF SOLITUDE. REVISITING THE THEME IN POETS OF THE BRAZILIAN GERAÇÃO DE 30

[10.29073/naus.v4i2.799](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.799)

RECEÇÃO: 20 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Geraldo Fernandes , Universidade Federal do Ceará, Brasil, geraldoaugust@uol.com.br.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar o tema da solidão numa revisitação à Geração de 30 brasileira. Três poetas dessa fase do Modernismo cantam o tema não só nos poemas aqui apresentados, mas têm-no como um campo semântico das suas produções. Analisaremos três composições de Carlos Drummond de Andrade e, para confrontá-las, um poema de Cecília Meireles e outro de Vinicius de Moraes. Por base teórica, valemo-nos de Melanie Klein na perspectiva dos seus estudos da psicanálise e ainda de outras estudiosas da área da psicologia, como Lima e Cardoso Andrade. Quanto ao tratamento da solidão por estudiosos da literatura, vamos nos valer de Amorim & Souza, Beth Brait, Marques e Costa Pinto.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade; Cecília Meireles; Geração de 30; Solidão; Vinicius de Moraes.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the theme of loneliness in a revisit to the Brazilian Geração de 30. Three poets from this phase of Modernism sing the theme not only in the poems presented here, but have it as a semantic field of their productions. We will analyze three compositions by Carlos Drummond de Andrade and, to compare them, a poem by Cecília Meireles and another by Vinicius de Moraes. As a theoretical basis, we use Melanie Klein from the perspective of her studies of psychoanalysis, plus other scholars in the field of psychology, such as Lima and Cardoso Andrade. As for the treatment of loneliness by literary scholars, we will use Amorim & Souza, Beth Brait, Marques and Costa Pinto.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade; Cecília Meireles; Geração de 30; Loneliness; Vinicius de Moraes.

*Que minha solidão me sirva de companhia.
que eu tenha a coragem de me enfrentar.
que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.*

Clarice Lispector. *Um sopro de vida*



INTRODUÇÃO

Dos poetas da Geração de 30 brasileira, um dos que mais se destaca, dada a sua contemporaneidade, é Carlos Drummond de Andrade (CDA). Acreditamos que alguns poucos poemas do vate devem bastar para que possamos desenvolver um tema tão antigo, clássico, recorrente, mas especial: a solidão. Numa análise literária, é importante que se verifique se um dado poema é exceção dentro do complexo de uma obra. Automaticamente eliminamos esta preocupação, pois ao escolhermos o tema, já selecionamos o que viria a ser uma constante e não uma exceção. A solidão a que nos referimos é vista por várias facetas na obra de Drummond, ora é a solidão do indivíduo como ente, ora é um indivíduo só num mundo tecnicista. Ela surge também como simples caso rotineiro, aquele que encontramos numa reportagem jornalística ou aquela tão própria do homem no seu dia a dia.

No nível da análise, estudaremos a linguagem, tal qual ela se manifesta no poeta como extensão do Modernismo. Na medida do possível, destacaremos a estrutura dos poemas, pois é evidente que a forma modernista se apresenta contestatória à forma clássica. As rimas, a métrica, o lirismo puro são abandonados para darem lugar à forma livre. Com relação à linguagem de Drummond em especial, é necessário verificar-se o que diz Beth Brait:

*o poeta moderno, jogado na grande cidade cosmopolita, percebe, com nitidez cada vez maior, os contornos ilusórios da antiga crença: a crença numa relação, plena de sentido, entre poeta (o 'eu' da poesia?) e realidade (objetiva ou subjetiva). Sua atenção se desloca, então, para os **modos possíveis** dessa relação, valorizando a **linguagem**, que a realiza. Com essa crise, entra também em crise o conceito de lirismo como 'expressão pessoal'. (Brait, s.d., p. 6–7, grifos da autora).*

Para confrontar o tema — a solidão — e o autor escolhidos, cremos que Cecília Meireles e Vinicius de Moraes, contemporâneos de Carlos Drummond e da Geração de 30, virão reforçar o estudo a que objetivamos. O nível de contextualização abrange aquilo que temos por visão do problema. Estamos cientes de que a solidão não é somente caso de análises em laboratórios, pois implica o sentimento do indivíduo como ser ontológico. Vemos a solidão como sentimento de nós mesmos, de uma sociedade onde o desejo de comunidade se faz cada vez mais necessário, mas que, apesar disso, parece que ainda não levou o homem a ser solidário com quem está só. Quando lemos os três poemas, percebemos que a temática principal não é a solidão. De forma muito reduzida, podemos dizer que CDA geralmente centra-se no quotidiano moderno e a ação desse sobre o indivíduo. Já Cecília Meireles, por exemplo, desenvolve uma preocupação mais com o desconcerto do mundo e, da mesma forma que Drummond, na forma como este interfere no “eu”. Vinicius de Moraes, pode-se dizer, que privilegiou e louvou o Amor como temática na sua obra poética.

Antes de analisarmos os poemas, gostaríamos de observar, em termos da ordem analítica e técnica, a opinião da destacada psicanalista Melanie Klein (1881–1960). Em artigo, a psicanalista austríaca tenta investigar a fonte do sentimento da solidão de forma didática. Considera neste estudo que não se refere àquela solidão de se estar privado da companhia externa, mas sim “ao sentimento íntimo de solidão — o sentimento de estar só independentemente de circunstâncias externas, de sentir-se solitário mesmo quando entre amigos ou recebendo amor” (Klein, 1971, p. 133). Esse estado derivaria de “ansiedades paranóides e depressivas provenientes das ansiedades psicóticas da criança.” Esse sentimento faria parte de qualquer indivíduo e se acirra na doença. (*ibidem*). Uma relação perfeita com a mãe implicaria contacto íntimo entre ela e a criança, num estágio pré-verbal e, aí sim, uma clarificação para a insatisfação que a solidão se impregna em nós; no futuro, “parece perdurar um anseio insatisfeito por uma compreensão sem palavras — fundamentalmente pela relação mais primitiva com a mãe. Semelhante anseio contribui para o sentimento de solidão e se origina da sensação depressiva de uma perda irreparável” (*idem*, p. 133–134). Klein comenta que uma questão relacionada diretamente à solidão é a da integração, uma tentativa de se fazer parte de uma coletividade. A estudiosa afirma que uma integração completa nunca é possível, pois “o completo entendimento e aceitação de nossas emoções, fantasias e ansiedades não é possível e isto perdura como fator



importante na solidão.” (*idem*, p. 137). Haveria ainda a considerar uma outra questão em relação à solidão e à integração: “a solidão pode originar-se da convicção de que não há pessoa ou grupo a que se pertença” (*ibidem*). E complementa:

*Por muito que a integração prossiga, ela não chega a eliminar a sensação de que certos componentes do eu não sejam utilizáveis, porque eles são expelidos e não podem ser recuperados. Algumas dessas partes expelidas [...] são projetadas sobre outras pessoas, contribuindo para a sensação de não se estar na plena posse de seu eu, de que não se pertence inteiramente a si nem, por conseguinte, a ninguém mais. Além disso, a sensação é de que as partes perdidas estão solitárias. (*idem*, p. 137–138).*

Num artigo sobre a solidão na contemporaneidade, Celana Cardoso Andrade comenta o paradoxo do contemporâneo: com a explosão demográfica, estamos mais próximos uns dos outros pelo menos fisicamente, mas tendemos a afastar-nos dos outros, parecendo sermos estranhos — no meio dessa multidão de seres, sentimo-nos cada vez mais isolados, apesar de que em grupos menores a solidão possa diminuir, mas nestes grupos o que deve ser observado é a qualidade das relações (Andrade, 2006, p. 85). Comenta a autora que esse evento proporcionou uma solidão infinita ao ser humano, agora incapaz de se ligar aos outros e estabelecer ligames. Parece que o homem se satisfaz com as benesses materiais oferecidas pela modernidade: “esta sociedade na qual fala o coletivismo, não é aquela comunidade nativa que envolve o homem e o abriga, protege e ampara, comunidade na qual o homem ainda viveu há alguns séculos e talvez há algumas gerações” (*idem*, p. 124). É assim que, instilado pela nostalgia, o homem está desprovido da presença do outro; a abundância das coisas materiais não satisfaz o homem, como ser humano, a sua sensibilidade só pode ser compartilhada consigo mesmo. Como vivemos numa sociedade individualista, a ninguém interessa a própria sensibilidade e sentimentos, os quais devemos nós mesmos “usufruir” e neles/com eles sobreviver. Encerrando, a psicóloga afirma que “surge então o ideal de aprender a viver só no meio da multidão, e o exercício da privacidade é entendido como a verdadeira liberdade” (*idem*, p. 88–89).

Para a psicóloga Julia Coutinho Costa Lima, o aparecimento do conceito e sentimento de solidão se dá quando se pôde opor o “eu” à esfera coletiva. A solidão “tem uma raiz paralela ao conceito de eu, ao conceito moderno de indivíduo como um ser autônomo e diferente dos demais”, quando a “‘identidade-eu’ das pessoas passou a ser mais valorizada do que a ‘identidade-nós’” (Lima, online). As pessoas, no contexto da contemporaneidade, estão inseridas numa cultura individualista, centrando-se/concentrando-se nas suas privacidades, personalidades. Como não há investimento na vida pública, não há, por seu lado, éticas coletivas: “A desarticulação das vivências neste espaço público, espaço de iguais, parece criar, também, dificuldades na tessitura das auto-narrativas, uma vez que elas têm origem relacional e discursiva” (*idem*). O indivíduo sente-se em insatisfação permanente, praticamente dizendo “nada é o bastante para que eu possa sentir” (*idem*). A solidão alia-se ao narcisismo com “a perda dos referentes ao ‘outro’, ao ‘diferente’”, não havendo possibilidade de solidariedade social e o resultado é que “se cava um poço sem fundo de que a solidão angustiada vai fazer parte” (*idem*). Julia Lima, valendo-se de opinião do historiador Christopher Lasch¹, afirma que a individualidade mínima

¹ Em *A cultura do narcisismo, a vida americana em uma era de expectativas decrescentes* (s.l.), ed. Fósforo, 2023), numa análise clássica e visionária publicada originalmente em 1979, o historiador Christopher Lasch parte do conceito psicanalítico de narcisismo para destrinchar a relação entre indivíduo e sociedade, sintetizando o que rege os tempos contemporâneos. Segundo o diagnóstico de Lasch, os indivíduos perderam o vínculo entre si, seja ele o pertencimento à família tradicional seja a grupos políticos e movimentos sociais, para dedicar-se cada vez mais ao próprio bem-estar. Disponível em <https://www.fosforoeditora.com.br/catalogo/a-cultura-do-narcisismo-a-vida-americana-em-uma-era-de-expectativas-decrescentes/> Acesso em 23 abr., 2023.



não é somente o resultado de uma postura defensiva, mas também surge de uma transformação social mais ampla e profunda, a mudança de um mundo em que os objetos eram duráveis, mundo confiável, para uma era de imagens mutáveis que dificultam a distinção entre realidade e fantasia (idem).

E diz mais ainda: “os sujeitos contemporâneos parecem estar vivendo, cada vez mais, em redomas individuais, isolados, ‘gradeados’, enfim, solitários [...] Quando se traz à tona a questão solidão [...] para esses mesmos sujeitos poderia se perceber o quanto [...] procura-se uma saída para essa situação” (idem). A psicóloga, no entanto, em sua assertiva, encontra uma possível solução para a questão da solidão na contemporaneidade:

Assim, toda essa combinação poderia estar, também, potencializando um sentimento de solidão. Porém, neste momento já fica mais claro que para poder se afirmar que esses sujeitos vivenciam o não-reconhecimento e a fragmentação das bases de suas identidades psicológicas como solidão, seria preciso admitir uma premissa anterior, subjacente: de que o investimento num espaço coletivo e numa ética que privilegie o compromisso e a vida em comum sejam necessários. Isto é, a falta ou o desligamento dessa esfera “do outro” é que estaria incidindo na vivência da solidão como uma queixa, um problema (idem).

A solidão não tem sido tratada somente pela psicologia e psicanálise, é evidente. O tratamento do sentimento na literatura é também tema de estudos. Num artigo sobre um dos maiores poetas do Simbolismo português, António Nobre, pela evasão do sentimento da solidão em seus poemas, Carlos Amorim e Diego Souza comentam que a melancolia, solidão, loucura, incompatibilidade e outros sentimentos análogos que o artista ou qualquer pessoa experienciam “provocam a contemplação de paisagens exteriores/interiores, cuja potência se cultiva na solidão. Embora sejam compartilhados, na solidão tais sentimentos têm uma pregnância maior, pois no fundo quem os possui reconhece não haver par nesse mundo com quem possa compartilhá-los” (Amorim & Souza, 2020, p. 195). Os estudiosos apresentam as considerações de Rilke e de Blanchot sobre o tema. Valendo-se de uma análise das *Cartas de um jovem poeta*, vemos que a solidão parece inerente ao artista. Nas *Cartas*, “o sentido essencial do talento artístico, juntamente com a aprendizagem da alma, demonstra que, para o bardo alemão, a arte possui os seus eleitos; assim, o artista, cuja sensibilidade é superior aos demais, afasta-se da sociedade, para seguir a sua estrada” (IDEM, p. 198). Percebe-se então que essa estrada se compõe da solidão como pressuposto básico. Rilke havia escrito para o jovem poeta: “Por isso, caro senhor, ame a sua solidão e carregue com queixas harmoniosas a dor que ela lhe causa”, registrando esse pressuposto que vale não só para o estudo que fazem de António Nobre, mas principalmente vale para a alma de qualquer artista. O filósofo e crítico literário Blanchot, também numa visão reflexiva, diz que as lágrimas da saudade e da melancolia “na voz do sujeito lírico, comunicam um afastamento do mundo, uma interioridade dos versos, uma solidão essencial” (ibidem). Amorim e Souza consideram que a solidão faz parte da escritura artística e que o artista a maneja com maestria e nesta escuta criadora vicejam os elementos vitais da arte literária. Ao “distanciar-se”, o escritor dinamiza a sua relação com o mundo, exteriorizando-a como mecanismo de criação (idem, p. 201). Todo o sentimento de saudade, tristeza, solidão, tédio, ausência, dor, “possui a abundância da vida, tem uma causa exterior” (idem, p. 208); esses estados de alma tão evidenciados na obra artística mostram a incapacidade de pertencer ao mundo objetivo. “Essa capacidade de sentir a vida, apesar de todas as suas agruras, causa ao sujeito lírico um sentimento de *spleen* e inadaptação, que o leva a desejar a morte, a reconhecer o outro lado, além das fronteiras existenciais” (ibidem).



DRUMMOND E OS POEMAS DA SOLIDÃO

Vistos alguns estudos sobre a temática da solidão, a proposta agora é observar como três poetas representativos da Geração de 30 trabalharam o mote. Começamos com o poema “Consolo na praia” de Carlos Drummond de Andrade, incluído no livro *A rosa do povo*.

*Vamos, não chores.
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.*

*O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.*

*Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis carro, navio, terra.
Mas tens um cão.*

*Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o humour?*

*A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.*

*Tudo somado, devias
precipitar-te, de vez, nas águas.
Estás nu na areia, no vento...
Dorme, meu filho.*

O poema está basicamente estruturado em verbos de ação que indicam o passado em confronto com a realidade atual. Na vida passada, destacam-se os versos: “a infância está perdida”, “a mocidade está perdida”, “o primeiro amor passou”, “o segundo amor passou”, “o terceiro amor passou”, “perdeste o melhor amigo”, “não tentaste qualquer viagem”; na vida presente, apresentam-se os versos: “mas a vida não se perdeu”, “mas o coração continua”, “não possuis casa, navio ou terra/ mas tens um cão.” Neste confronto entre dois tempos, o “eu” lírico remete-se a factos que são imutáveis tanto no passado quanto no presente ou mesmo no futuro, quais sejam “algumas palavras duras nunca cicatrizam”, ou ainda “a injustiça não se resolve”. O afunilamento se dá na última estrofe, em que os verbos estão todos no presente, indicando a soma de todo aquele passado, tendo por resultado o presente: “Tudo somado,/ devias precipitar, de vez nas águas/ Estás nu na areia, no vento.../ Dorme, meu filho”. Todas as estrofes, com exceção da última fecham com um incentivo que o sujeito poético que, com orações adversativas, consola — título do poema — aquele que está só; percebemos que é um monólogo em que o sujeito lírico conversa consigo mesmo: “Mas a vida



não se perdeu/ mas o coração continua/ mas tens um cão/ Mas, e o humour?/ Mas virão outros”. Apesar de ser um poema extremamente lírico, é fácil extrair dele elementos indicativos de tempo. Usando muitos verbos no pretérito perfeito e versos como “A infância está perdida / A mocidade está perdida”, o poeta apresenta um tempo definido, ou seja, um transcorrer da infância até a velhice. De somenos importância, o espaço se apresenta:

- a) “não possuis carro, navio, terra”, o que indica uma pessoa desconsolada, desagregada de elementos que fazem parte da vida material;
- b) “à sombra do mundo errado/ murmurastes um protesto tímido”, isto indica que, desconsolado, tentou corrigir o que estava errado, entretanto, apenas como protesto tímido;
- c) “Tudo somado, devias/ precipitar-te, de vez, nas águas”. A última solução seria fugir disso tudo através do suicídio;
- d) “Estás nu na areia, no vento...”, este verso, cremos, é a chave do poema juntamente com o último. Para enfatizar o espaço aliamos este verso com o título indicativo de que o poeta está na praia.

Quanto à forma, são versos livres, dispostos em estrofes de quatro versos, sem rimas e sem métrica. Quanto à linguagem, o que se destaca é um recurso frequente de Drummond: a reiteração. Isso dentro deste poema, entendemos pela ênfase obsessiva do “eu” lírico em expressar o seu estado interior. A reiteração reforça-se pelas figuras que o “eu” lírico usa definindo esse estado interior: “Mas o coração continua”, os sentimentos no sentido metafórico do coração; “Algumas palavras duras”, ou seja, palavras duras estão no lugar de verdades (perífrase); “Tudo somado, devias/ precipitar-te, de vez, nas águas”, além da catáfora, o poeta usa o eufemismo para não dizer matar-se; “estás nu na areia, no vento...” — o verso indica duas possibilidades de interpretação viáveis entre si. A primeira, *o estar nu*, indica solidão; a segunda, indica que, ao refletir, o poeta está despido da pressão do mundo sobre ele; no verso “Dorme, meu filho”, a importância não está em ser eufemismo ou metáfora, mas o valor semântico está no verbo “dormir”, que é morrer.

Nas primeira, segunda e terceira estrofes, o poeta evidencia bem que para um passado há sempre esperança. Porém, nas quarta e quinta estrofes, são factos do próprio quotidiano que cercam o indivíduo no mundo. Na última estrofe, o poeta sugere o suicídio porque o mundo não muda e não se acaba. E o único meio de mudá-lo é livrar-se dele. Quando o poeta diz “precipitar-te, de vez, nas águas”, sugere que todo o mal se acabaria caso ele se atirasse ao mar, cuja palavra indica profundidade, obscuridade e correnteza.

Como dissemos, os versos-chave são: “Estás nu — na areia — no vento.../ Dorme, meu filho.” O último verso é a prova insofismável de que o resultado de toda a vida do sujeito poético termina com a solidão. Nele conta passagens ligadas à vida pessoal, que estão intimamente também aliadas ao seu presente e que pouco se alteraram ao longo dos anos. O tempo passa, as coisas mudam muito pouco, reage, então, frente a um mundo errado, em sua concepção, já que este fere os seus ideais mais belos. Exprime, assim, a ironia já madura e cansada da luta. O último verso interpretamos como sendo uma conversa do poeta consigo mesmo; tanto é que a primeira estrofe começa por um imperativo “Vamos, não chores” e termina igualmente com um imperativo “Dorme, meu filho.” Concluímos que, estando só na praia, o sujeito poético analisa-se a si mesmo e também ao próprio mundo. Deduz que o resultado do viver foi a solidão em que se encontra e que a única solução é a morte. Lemos acima que a psicóloga Celana Cardoso Andrade relata que, hodiernamente, estamos mais juntos dos outros. No entanto, a nossa tendência é a de nos afastarmos no meio de uma multidão, configurando um isolamento da pessoa, logo encontramos-nos em solidão, que, no caso do poeta analisado, mortifica o “eu” poético. Cardoso Andrade, como anteriormente visto, considera que esse isolamento “proporcionou uma solidão infinita ao ser humano, agora incapaz de se ligar aos outros e estabelecer ligames”. De certa forma, é o que retrata o “eu” lírico do poema de Drummond

**“A BRUXA”, DE ANTOLOGIA POÉTICA**

Também o que se destaca em “A bruxa” é a divisão observável entre realidade exterior e realidade interior.

REALIDADE EXTERIOR

Nesta cidade do Rio,

De 2 milhões de habitantes

Um ruído anunciou

vida ao meu lado

não é vida humana

desses calados, distantes/

que/ leem verso de Horácio...

influem/ na vida, no amor, na carne

(mulher) que entrasse nesse minuto/

recebesse este carinho/ salvasse

do aniquilamento

Quantas mulheres provavelmente

interrogam-se no espelho

Essa presença agitada

querendo romper a noite

não é simplesmente a

bruxa

X

Estarei mesmo sozinho?

Sinto a bruxa presa na

Zona de luz

Como procurar amigo

minuto e um carinho

loucos que tenho para

oferecer

Porém a esta hora vazia

Como descobrir mulher?

estou cercado de olhos,

de mãos, afeto, procuras.

o que há é apenas a

noite e uma espantosa

solidão

Companheiros, escutai-me!

é antes a confiança

exalando-se de um homem.

REALIDADE INTERIOR

estou sozinho no quarto/
América

Estou só, não tenho amigo

Precisava de mulher

Tenho tanta palavra meiga, conheço
Vozes de bicho, sei os beijos mais
Violentos, viajei, briguei, aprendi

Mas se tento comunicar-me



O desmembramento feito dessa forma visou à apresentação da seguinte realidade que se extrai do poema: o personagem é um ser que se questiona ante a realidade externa que o contamina, levando-o à solidão. O argumento para essa assertiva é o próprio esquema, que assim se dispõe: há uma realidade externa, mas não é a que busca. Há uma realidade interior que é o sentimento do sujeito lírico. Entre esta dicotomia há a interrogação deste sujeito, que se encontra só por não existir a realidade que ele almeja.

O poema é lírico, contudo, é situacional. É um ser em questionamento numa cidade grande, neste caso, o Rio de Janeiro. Mais do que isso, é uma pessoa só no seu quarto, na sua grande cidade, em todo um continente. O tempo apresenta-se pelas formas verbais predominantemente no presente e por citações relacionadas no tempo adverbial, quais sejam, “hora tardia, neste minuto, amanhã, apenas a noite”.

Como composição própria do modernismo, os versos são livres e brancos. A primeira estrofe é o exórdio, mas também a síntese de todo o poema com apenas quatro versos. Como num crescendo, as estrofes vão se estendendo provando como a realidade exterior contamina a realidade interior. O verso “E sinto a bruxa/ presa na Zona de luz” é uma metáfora para o sentimento de solidão inerente à própria vida; outra metáfora é: “Porém a essa hora vazia” que tem o significado de solidão. Além das metáforas, o sujeito poético vale-se da perífrase em “Estou só [...] a essa hora tardia [...]”; “Estou cercado de olhos, mãos, afetos, procuras”, hipérbole e enumeração. A palavra-chave do poema é ao mesmo tempo uma metáfora: bruxa, que está no lugar de solidão.

Este poema é, assim, representativo da temática “solidão”. O sentimento ora é exposto claramente ora metaforicamente, como nos versos “Estou sozinho no quarto/ América”; “Estarei mesmo sozinho?”; “Estou só não tenho amigo”; “Precisava de mulher”; “Espantosa solidão”. Neste poema, o poeta identifica vários tipos de solidão: da cidade grande (Rio de Janeiro), da noite (hora tardia), estar-se só num quarto, de pessoa carente em receber e dar. Todas essas diversas solidões são passíveis de ser sanadas. Porém, a solidão da bruxa, a que se refere o poeta, é impossível de ser combatida, pois ela é mais poderosa do que o nosso espírito pode suportar. Somos fracos diante desse monstro que se apossa de nós e, quando tomamos consciência dele, sofreremos mais ainda porque percebemos que somente nos resta a confiança solitária, de um homem só, falando de sua própria solidão.

“a bruxa. É antes a confiança exalando-se de um homem.”

Num artigo na *Revista do CESP*, Reinaldo Marques analisa a modernidade em poetas mineiros, CDA inclusive, para mostrar “Minas melancólica”. Diz o articulista que a melancolia é uma metáfora para esclarecer a relação

do poeta com o mundo moderno e com o lugar problemático que lhe cabe no espaço da modernidade. Particularmente quando se trata de uma modernidade tardia, que parece se realizar de forma truncada e inacabada em espaços periféricos, como reflexo de um projeto de modernidade centrado, traçado nas metrópoles colonizadoras (Marques, 2002, p. 14).

De certa forma, Marques resume o que se mostrou na análise de “A bruxa” — a melancolia aliada à solidão, ambas matizadas pela modernidade, pelo homem perdido na cidade grande.

POEMA “E AGORA, JOSÉ?” INCLUÍDO NO LIVRO *POESIAS, DE 1941*

Existem três níveis estruturais ressaltam-se neste poema antológico que ajudam à sua compreensão: Realidade exterior x Realidade de José; Fatos comuns x fatos incomuns; tempos verbais. Tentaremos analisá-los como o fizemos com o poema anterior, “A bruxa”.

REALIDADE EXTERNA	X	REALIDADE DE JOSÉ
festa acabou		sem nome
luz apagou		zomba dos outros



povo sumiu noite esfriou		faz versos ama, protesta
	E agora, José?	
noite esfriou dia não veio bonde não veio tudo acabou fugiu, mofou		está sem mulher sem discurso não pode beber, fumar, cuspir
	E agora, José?	
biblioteca, lavra de ouro, terno de vidro		doce palavra instante de febre guia e jejum incoerência, ódio

Percebe-se que para José a realidade exterior já não existe mais. Primeiramente, porque os verbos indicativos da realidade exterior estão no pretérito, enquanto os verbos indicativos da realidade de José são ora estáticos, ora de impossibilidade. Tudo isso nos permite deduzir que para José toda a realidade exterior acabou, pois ele está morto. O poeta fecha as estrofes sempre com o refrão “E agora, José?” porque estando José morto ser-lhe-ia impossível tanto se questionar quanto participar da realidade externa.

Os factos comuns são aqueles do quotidiano que preenchem a realidade exterior, como visto anteriormente. Os factos incomuns estão no nível conotativo, pois são factos impossíveis: não existirem portas, mares secarem, não haver Minas. Tudo isso vem corroborar a afirmação de que José não pertence mais à realidade existente.

FATOS COMUNS	X	FATOS INCOMUNS
o bonde não veio		o dia não veio
tem a chave na mão		não existe porta
quer morrer no mar		o mar secou
quer ir para Minas		Minas não há mais

TEMPOS VERBAIS. Percebemos no poema que há três níveis primordiais de tempos verbais. Todos os verbos de ação, bem como os de possibilidade de ação, estão no passado. Os verbos de estado estão no presente; e como terceiro nível, os verbos de ação estão no presente na última estrofe. Com esses elementos, temos argumentos bastantes para concluir que: se os verbos de ação e de possibilidade de ação estão no passado é porque José está morto. Os verbos de estado indicam solidão, pois estando morto José não tem mulher, discurso, carinho, protesto etc. Os verbos de ação da última estrofe estariam no presente porque indicam que o personagem já não pode mais ser agente.

Todas as estrofes são de versos livres, versos brancos e sem métrica, como característica de uma composição modernista. Também neste poema, a reiteração drummondiana é constante. Além dela, estão presentes as seguintes figuras de retórica:

- “Festa acabou”, metáfora para não haver mais vida;
- “Luz apagou”, metáfora para a chegada da morte;
- “O dia não veio”, metáfora para enfatizar a ideia de morte: a impossibilidade de vida;
- “Gula e jejum”, antítese;
- “Terno de vidro”, metáfora com os seguintes significados que por si só são antíteses: o vidro tanto indica fragilidade (afabilidade de José), como transparência (acessibilidade). Estes dois aspectos são os lados positivos contrapostos pelos negativos: dureza (sua inacessibilidade), frieza (seu isolamento);



- “Sozinho no escuro qual bicho no mato”, comparação;
- Uma questão, porém, emerge. No nível das possibilidades, o poeta cita: “Se você morresse.../ mas você não morre/ você é duro, José!”

Afirmamos que o personagem está morto e agora o poeta lança a impossibilidade de José morrer. A resposta para esta contradição está em que todo esse trecho é extremamente conotativo. Na realidade, o ser humano deixa sua marca, ele é um ser histórico, quando atuante como era José.

Como a maioria dos poemas de Carlos Drummond, que fala da morte, este também vem aliado à ideia de solidão. A solidão a que o poeta se refere é aquela do corpo que, desalienado da alma, não é mais que um objeto entre outros que vivem. A solidão da morte é inevitável, pois é antes um questionamento constante do ser humano, o saber da vida pós-morte. A impossibilidade das realidades de José e o exterior asseveram estes argumentos.

“E agora, José?” é representativo da atuação do poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade, que, nas palavras de Beth Brait teria sido o “introdutor da vida diária, do mero ato de viver, na linguagem poética [...] falando às pessoas como se estivesse sentado com elas numa beira de calçada” (Brait, (s.d.), p. 185)². Isto é constatado no poema de Drummond pelo linguajar usado: o do cotidiano. O poeta

consegue transformar o mundo em linguagem. Seus poemas [...] questionam o momento presente, a existência e a própria linguagem como instrumento capaz de traduzir e transmitir as experiências individuais e coletivas (ibidem, p. 185)³.

Na seleção para seu *A literatura brasileira através dos textos*, Massaud Moisés escolheu poemas de Drummond que “atravessam duas linhas de força capitais” (Moisés, 1984, p. 417) e que, de certa forma, caracterizam a obra drummondiana: “de um lado, o cotidiano ou/e o humor nele implícito; de outro, a visão dum transcendental, para além da superfície opaca da realidade diária” (*ibidem*, p. 417).

Analisada a parte estrutural do poema, mostrando os pontos relevantes do modo composicional de Drummond, é necessário verificar por que a solidão — talvez não o ponto essencial de “José” — está muito paralelamente ligada ao poema, o que se percebe nos factos facilmente deduzíveis e concretos e nas entrelinhas. O poema é também, como vimos no comentário da psicóloga Celana Cardoso Andrade, parte daquilo que define como “o paradoxo do contemporâneo”. José declara-se integrante dessa contemporaneidade, mas é solitário. Tende a se afastar dos outros, daí que, aparentemente, apesar de estar próximo a grupos menores, a solidão não diminui, devido à fraca qualidade das relações.

² Talvez não seja procedente o uso do termo “introdutor”, considerando haver vários outros poetas que já se valeram do cotidiano nas suas poesias. Manuel da Costa Pinto, na apresentação do livro *Sentimento do mundo*, Coleção Folha, Grandes Escritores Brasileiros, comenta que o universo de Drummond é “território literário sulcado pela ironia e pela perplexidade metafísica, dividido entre o tom prosaico (que aproxima a poesia dos problemas do homem comum, da ‘vida presente’) e a impossibilidade da expressão (demarcando o abismo interior de cada um)”. (Andrade, 2008, s. p.).

³ Quanto à linguagem que Drummond utiliza em seus poemas, em oposição a um estilo classicizante, Vera Lúcia Bastazin, da PUC/SP, em depoimento a Vera Helena Rossi, assim define o estilo corriqueiro próprio da geração modernista: “O papel do poeta é esse que fez o Drummond. Ele desestabilizou a ideia que se tem de que fazer poesia é trabalhar de forma mais refinada com a linguagem mais sofisticada, usar termos não usuais do dia a dia. Inovou dentro do simples, do banal, daquilo que é ordinário. Desestruturou a língua, e inovou em relação ao sistema social”. (Rossi, 2007, p. 48).



CECÍLIA MEIRELES, VINICIUS DE MORAIS E SEUS POEMAS DA SOLIDÃO

Dando sequência às análises de poemas da temática abordada neste artigo, vejamos como Meireles e Moraes desenvolvem a questão. Ambos da Geração de 30, como CDA, a poeta e o poeta são conhecidos pelo lirismo que impregnam seus textos, tanto na poesia como na prosa.

“DESPEDIDA” — CECÍLIA MEIRELES

*Por mim, e por vós, e por mais aquilo
que está onde as outras coisas nunca estão,
deixo o mar bravo e o céu tranquilo:
quero solidão.*

*Meu caminho é sem marcos nem paisagens.
E como o conheces? — me perguntarão.
— Por não ter palavras, por não ter imagens.
Nenhum inimigo e nenhum irmão.*

*Que procuras? — Tudo. Que desejas? — Nada.
Viajo sozinha com o meu coração.
Não ando perdida, mas desencontrada.
Levo o meu rumo na minha mão.*

*A memória voou da minha frente.
Voou meu amor, minha imaginação...
Talvez eu morra antes do horizonte.
Memória, amor e o resto onde estarão?*

*Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra.
(Beijo-te, corpo meu, todo desilusão!
Estandarte triste de uma estranha guerra...)
Quero solidão.⁴ (In: Flor de poemas)*

Passemos a ver como Cecília Meireles trata do tema da solidão em “Despedida”. Neste poema a poeta mantém quase que uma ordenação (cinco estrofes de cinco versos cada), a leitura, e mesmo a forma (sem métrica), se apresenta sem rimas. Entretanto, é facilmente perceptível que o eu lírico — quase desaparecido no Modernismo — tem profunda importância. Visto que a forma — versos livres — é ponto comum nos poemas dos dois poetas, faz-se necessário verificar se o tema escolhido é preocupação também da poeta em análise. Relativamente a Cecília Meireles, poderíamos afirmar que a solidão foi um tema que sempre a acompanhou, tanto na vida poética como na vida particular, sobre a qual não referiremos. Porém eis uma sua declaração que vem comprovar a asserção: “Mas a

⁴ Em *Obra poética*, aparece um poema de Cecília Meireles que tem o mesmo título deste em análise “Despedida”. O que é interessante: em ambos a temática é a solidão. POR MIM, e por vós, e por mais aquilo/ que está onde as. outras coisas nunca estão,/ deixo o mar bravo e o céu tranquilo: —/ quero solidão. // Meu caminho é sem marcos nem paisagens. / E como o conheces? — me perguntarão./ — Por não ter palavras, por não ter imagens./ Nenhum inimigo e nenhum irmão.// Que procuras? Tudo. Que desejas? — Nada./ Viajo sozinha com o meu coração./ Não ando perdida, mas desencontrada./ Levo o meu rumo na minha mão.// A memória voou da 'minha frente./ Voou meu amor, minha imaginação .../ Talvez eu morra antes do horizonte./ Memória, amor e o resto onde estarão? (Meireles, 1983, p. 207).



minha solidão não é uma disponibilidade. É uma consequência natural do meu trabalho, e o seu clima indispensável” (Meireles, 1972, p. 45).

Neste poema, os verbos de permanência (estar, querer, ter etc.) prevalecem sobre os de ação. Já estes têm significado de partida (procurar, viajar, andar, levar, voar). O único de ação que não indica partida é o verbo beijar, que se identifica com o título: “Despedida” (“Beijo-te, corpo meu...”). Outros dados que nos remetem diretamente ao tema são:

1. “Céu tranquilo” — que nos lembra paz íntima, privacidade, observação e sentimento de uma só pessoa;
2. “Quero solidão”, “Viajo sozinha” — prova incontestante de quem deseja ficar só;
3. “Meu caminho é sem marcos nem paisagens” — é o caminho vago, sem obstáculos, desimpedido, que nos remete à ideia do caminho da morte, fim de um corpo, logo de um indivíduo;
4. “Por não ter palavras, por não ter imagens” — é o caminho de uma solidão indefinida;
5. “Que desejas? Nada” — o advérbio nos indica negação e vazio;
6. “Não ando perdida, mas desenhada” — logo, encontra-se só;
7. “corpo meu, todo desilusão!” — desprendimento do material com o espiritual, abandono do corpo para livramento da alma.

Dois temas são facilmente identificados no poema. Um superposto ao outro e que é preponderante: a morte. Mas para que ela possa ser concebida, a solidão é o ponto de partida, é o agente móvel — se este paradoxo é permitido — para o desligamento da vida. É a procura de alguém só, que quer livrar-se do corpo e com a plenitude da alma, atingir a solidão. A solidão da morte, como o poema nos revela, leva à felicidade do espírito: “Beijo-te, corpo meu, todo desilusão! Estandarte triste de uma estranha guerra”. O querer a solidão não é mais do que isso.

Cecília Meireles acrescenta ao tema solidão um subtema que é a morte. Na verdade, se nos atermos aos textos aqui levados à mostra, a morte está, de certa forma, ligada à solidão — aquela do homem moderno ante a imensidão dessa modernidade, e o homem como retrato de seu inconsciente coletivo. Assim como comentamos no poema de CDA “Consolo na praia”, a solidão está intimamente ligada à morte. Também em CDA, como aqui em Cecília Meireles, está presente a tendência de nos afastarmos da multidão, encontrando a solidão, o que no caso do poeta analisado mortifica o eu poético.

“SONETO DE LONDRES” — VINICIUS DE MORAIS

Londres, 1939

*Que angústia estar sozinho na tristeza
E na prece! que angústia estar sozinho
Imensamente, na inocência! Acesa
A noite, em brancas trevas o caminho*

*Da vida, e a solidão do burburinho
Unindo as almas frias à beleza
Da neve vã; oh, tristemente assim
O sonho, neve pela natureza!*

Irremediável, muito irremediável



*Tanto como essa torre medieval
Cruel, pura, insensível, inefável*

*Torre; que angústia estar sozinho! ó alma
Que ideal perfume, que fatal
Torpor te despeta a flor do céu? (Poesias avulsas, online)*

Mesmo no contexto do modernismo, Vinicius de Moraes dedicou grande parte de sua criação poética ao soneto. A estrutura mais significativa do “Soneto de Londres” é a contraposição entre verbos de estado e os de ação.

VERBOS DE ESTADO

X

VERBOS DE AÇÃO

Estar sozinho

acesa a noite
Burburinho unido as almas/
Que fatal torpor te despeta
A flor do céu

O “eu” lírico, estando sozinho, observa a natureza em movimento. O que é importante ressaltar é que há dois factos que acontecem simultaneamente: alguém sozinho analisando a transmutação da natureza.

É um soneto com características modernistas, com algumas fugas estruturais à poesia tradicional. A forma é clássica, a métrica, decassílabo, porém as rimas apresentam-se somente em algumas estrofes. O esquema rimático da primeira estrofe é abab; nesta mesma estrofe há uma rima intercalada: angústia/inocência. Observem-se as rimas ricas em tristeza/acesa e sozinho/caminho. Há algumas figuras retóricas importantes: acesa a noite, brancas trevas, solidão dos burburinhos, todos paradoxos; o caminho da vida, perífrase.

É facilmente perceptível o tipo de solidão cantada pelo sujeito poético; é a solidão de quem, distante, observa o que é comum em qualquer ponto do planeta: a mutabilidade da natureza. É a solidão de quem se desliga momentaneamente da realidade exterior: essas transformações da natureza ferem-no.

Mas o tema da solidão não se expressa somente nos seus poemas; no livro *Para viver um grande amor*, Vinicius de Moraes escreve um texto sobre a solidão, intitulado justamente “Da solidão”. Começa aludindo à solidão da morte, imaginando as dores por que passariam aqueles que escreveram sobre a perda da amada; cita Poe e a criação de “O corvo”, Orfeu e seu desejo de arrancar Eurídice à morte, Dante e a morte de Beatriz, além de outras solidões que levam ao fim. Depois de analisar essas solidões, Vinicius declara que a maior delas é a solidão “do ser que não ama” (Morais, 2008, p. 194). Este sente a solidão por não participar da vida humana.

A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece tudo em torno (ibidem).

Para o poeta, quem não ama recusa-se a participar do coletivo, e com esse seu privilégio “semeia pedras do alto da sua fria e desolada torre” (*ibidem*). A metáfora semear pedras da torre, fria e desolada, é um retrato perfeito da solidão. Vemos, em Vinicius, que o eu lírico contempla a paisagem exterior, cuja potência se cultiva na solidão, conforme visto nos comentários de Carlos Amorim e Diego Souza. Essa solidão apontada pelo sujeito poético do “Soneto de Londres” revela a sua solidão pela falta de amor, o que comunga com todos aqueles que sofrem do mesmo mal.



CONCLUSÃO

“Ler é um dos grandes prazeres da solidão”, escreve o crítico Harold Bloom (1930–2019), no livro *Como e por que ler* (apud Baptista Netto, online). E continua, na tradução de José Roberto O’Shea: “Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria, ou à de nossos amigos, presentes ou futuros” (*ibidem*, online). A citação de Baptista Netto vai ao encontro daquilo a que nos propusemos ao analisarmos poemas da temática da solidão. A solidão é inerente ao ser humano desde que o primeiro dele se propôs a viver em comunidade. O ser humano é solitário por natureza. Os poetas analisados neste estudo puseram em relevo a solidão, tal qual ela se lhes apresenta. Ela é interpretada em suas várias facetas. Mas, as que predominam são a solidão do homem na cidade grande e uma solidão indefinida. Estas duas facetas são hoje em dia as mais aflitivas. A solidão do homem que se fecha em si mesmo é quase biológica, pois é impossível que um ser tenha a mesma intensidade de sentimentos que o outro. Em outras palavras, por exemplo, quando dizemos que amamos, nosso interlocutor não captará a extensão deste nosso sentimento. Cada um é uma realidade única, individualizada. Por outro lado, somos seres racionais que vivem em sociedade. Isto já deveria atenuar a solidão. Sabemos, entretanto, que isto não é verdade. Mesmo estando aparentemente “cercado de olhos, de mãos, afetos, procuras”, se o indivíduo não recebe solidariedade comunitária estará só no meio de muitos. Estará ainda mais só se não for solidário com a comunidade, pois esta tem a sua origem no indivíduo.

É assim que, seguindo nossa proposta de fazer um breve estudo da solidão em poemas de poetas da Geração de 30, pudemos observar que o sentimento da solidão advém não apenas do homem em confronto com a modernidade, mas também advém daquilo que é inerente ao ser humano. Melanie Klein, como pudemos verificar, trabalha esta última questão e representa o sentimento ligado à nossa psicologia; outros estudiosos contemplados neste trabalho analisam a solidão ligada à modernidade, ao advento das grandes cidades, onde viveram Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes.

REFERÊNCIAS

- Amorim, M. C., & Sousa, D. P. (2020). António Nobre: entre a Solidão Essencial e a Solidão Povoada. *Revista Letras Raras*, 9(3), 192–214.
- Andrade, C. D. (1979). *Antologia poética* (13.ª ed.). J. Olympio.
- Andrade, C. D. (1980). *Reunião: 10 livros de poesia* (10.ª ed.). J. Olympio.
- Antologia poética* (13.ª ed.). (1979). J. Olympio.
- Baptista Netto, I. (2023). Literatura age como um antídoto contra a solidão. *Plural*. Disponível em <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/literatura-age-como-um-antidoto-contr-a-solidao/>
- Brait, B., et al. (s.d.). Carlos Drummond de Andrade: um poeta em sintonia com seu tempo. In *Encontro com a linguagem*. Atual, Ed. Ltda, 3.
- Cardoso Andrade, C. (2006). A solidão na contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 12(1), 83–91.
- Klein, M. (1971). Sobre o sentimento de solidão. In *O sentimento de solidão: Nosso mundo adulto e outros ensaios*. Imago Ed.
- Lima, J. C. Costa. (2001). Solidão e contemporaneidade no contexto das classes trabalhadoras. *Psicol. cienc. prof.*, 21(4). Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qFMrVkG8pXQx4Bx3LvJpPP/?lang=pt>
- Marques, R. (2002). Minas melancólica: poesia, ação, modernidade. *Revista do CESP*, 22(31), 13–25.
- Meireles, C. (1972). *Flor de poemas*. Nova Fronteira. (Coleção Poiesis).



Meireles, C. (1983). *Obra poética*. Nova Aguilar.

Moisés, M. (1984). *A Literatura brasileira através dos textos*. Cultrix.

Morais, V. (2008). *Para viver um grande amor: Crônicas e poemas*. MEDIAfashion. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, 9).

Morais, V. (1939). *Soneto de Londres*. Vinicius de Moraes. <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-londres>

Pinto, M. da C. (2008). Introdução. In *Sentimento do mundo* (1.ª ed.). MEDIAfashion. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, 4).

Rossi, V. H. (2007). A exuberância da simplicidade. In *Revista Língua Portuguesa*, 2(23), 48–50.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.